

## Resenha

# A bola corre mais do que os homens: duas copas, treze crônicas e três ensaios sobre futebol

Valter Sinder

Roberto DaMatta  
Editora Rocco  
Rio de Janeiro, 2006, 209 p.

Crônicas sobre futebol nesta nossa pátria em chuteiras vêm sendo cada vez mais publicadas e lidas desde a Copa do Mundo realizada no Brasil em 1950. Este novo livro de Roberto DaMatta, *A bola corre mais do que os homens: duas copas, treze crônicas e três ensaios sobre futebol*, publicado pela Editora Rocco em 2006, com Prefácio de Armando Nogueira, reúne artigos e crônicas publicados pelo autor no *Jornal da Tarde* e no *Estado de S. Paulo* entre 1994 e 2002, tendo como foco o futebol; assim como três ensaios também sobre futebol ampliados e modificados a partir de versões originalmente publicadas em revistas e livros acadêmicos.

Compreendendo temas diversos a partir de múltiplos olhares, percorremos inicialmente duas copas e treze crônicas conduzidos pelo cronista DaMatta, que nos oferece leituras marcantes e multifacetadas sobre o universo do futebol. As reflexões que se alinham nessas crônicas entrelaçam a voz de diferentes personagens – jogadores, técnicos, bandeirinhas, espectadores, torcidas, críticos e comentaristas –, num contagiante exercício de pensar as diferentes trajetórias pelas quais se constituem a experiência da cultura brasileira com o futebol.

Reunidas em livro, as crônicas antes dispersas em jornais diários revelam no seu conjunto recorrências e ganham elos surpreendentes. Inevitáveis neste tipo de coletânea, as repetições apontam para certas constâncias de um pensamento analítico marcado pelo estudo dos dilemas da sociologia e da sociedade brasileira. Temos então, a partir deste sistema de pensamento, a possibilidade de articular o cotidiano do futebol a uma reflexão mais densa tal como a apresentada nos ensaios que completam o livro.

O primeiro ensaio do livro, “Antropologia do óbvio: um ensaio em torno do significado social do futebol brasileiro”, é fruto da transformação e amadurecimento de argumentos desenvolvidos originalmente no trabalho publicado pelo autor em 1982, quando organizou e publicou o livro *Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira*. De forma clara, didática e com argumentos convincentes, a história da formação da sociedade

e da nação brasileira enquanto uma República democrática e igualitária é apresentada e discutida através da história da implantação do futebol no Brasil pelos ingleses em fins do século XIX. “Habituada a jogar, não a competir, a sociedade brasileira, construída e dinamizada por favores, hierarquias, clientes, e abarrotada de ranço aristocrático e escravocrata, reagia ambigualmente ao futebol.” (p. 141). Entretanto, como aponta DaMatta, “foi certamente essa humilde atividade, esse jogo inventado para divertir e disciplinar que, no Brasil, transformou-se (sem querer ou saber) no primeiro e provavelmente no seu mais contundente professor de democracia e igualdade” (p. 142). Além de nos fazer acreditar em uma ordem moral baseada na igualdade, “forneceu o alicerce para uma drástica rearticulação de nossas identidades sociais (pessoais, de bairro, urbanas, regionais e nacionais) em bases positivas, regadas a esperança e otimismo” (p. 144).

O segundo ensaio, “Em torno da dialética entre igualdade e hierarquia: notas sobre as imagens e representações dos jogos olímpicos e do futebol no Brasil”, é fruto de observação realizada pelo autor nos Jogos Olímpicos de Los Angeles em 1984 (uma primeira versão deste artigo foi publicada em 1987, em inglês, com o título “Hierarchy and Equality in Anthropology and World Sport: A Perspective from Brasil”). Aqui, logo de início, o dilema sociológico do autor nos é apresentado: “o que ‘observar’ e, posteriormente, escrever relativamente a esse grande evento esportivo. Antropólogos sabem [...] escrever sobre povos exóticos, costumes curiosos, rituais bizarros e tribos indígenas, para os quais inventaram várias receitas que dizem o que falar e de onde falar.” (p. 172). O que então, pergunta DaMatta, poderíamos observar e discutir sobre nossos próprios eventos olímpicos? “Como contextualizar e emoldurar de uma perspectiva sociológica, crítica e comparativa a experiência dos Jogos Olímpicos?” (p. 174). Na tentativa de responder essas questões, o autor nos conduz a uma reflexão comparativa entre o espaço simbólico dos Jogos Olímpicos e a Copa do Mundo de Futebol na sociedade brasileira.

Partindo da constatação de que no Brasil as Olimpíadas não são capazes de capturar a nossa imaginação e entusiasmo do mesmo modo que a Copa do Mundo, DaMatta critica a visão “universalista” presente em algumas “sociologias do esporte”. Defendendo a visão de que o campo esportivo é uma forma privilegiada de sociabilidade e cultura, o autor se posiciona contra aqueles que afirmam ter o esporte sempre um mesmo sentido, exprimindo um conjunto comum de dramatizações sociais. Discutindo e identificando os significados locais ou nacionais dentre diferentes modalidades esportivas, DaMatta afirma que o entusiasmo pelo futebol e a indiferença pelos Jogos Olímpicos se relacionam “à ética social brasileira que até hoje oscila entre ‘individualismo’ e ‘personalismo’, igualdade e hierarquia, sociedade e Estado nacional, como categorias sociais contrastivas e até certo ponto antagonicas, mas complementares no caso do Brasil” (p. 189).

Por fim, o último ensaio “O técnico e o futebol”, publicado originalmente no livro *Técnicos: deuses e diabos*, em 2002, fecha com chave de ouro o livro. Ligeiramente modifi-

cado, trata-se de um breve ensaio em que DaMatta elabora o paradoxo contido na junção entre técnica/técnico ou entre arte/ciência e sua conjugação na figura de “técnico de futebol no Brasil”. Como aponta o autor, “[o]riginalmente, era técnico quem dominava uma dada ‘arte’, ofício ou profissão. Posteriormente, com o avanço espetacular da ‘ciência’ voltada para o domínio, o controle e a exploração da natureza, o ‘técnico’ passou a ser confundido com ‘tecnologia’” (p. 205). O paradoxo se constitui ao tomar o modelo do técnico e transpô-lo para o campo das relações humanas em geral, e, em especial, a certos campos da sociedade, como a política e o esporte em particular. Tal transposição, conclui DaMatta, “engendra problemas curiosos e paradoxos inesperados” (p. 206). “Haja, pois, coragem e ‘bolas’ para ser ‘técnico de futebol no Brasil’, e conjugar e conjurar acaso e necessidade, técnica e destino, amor e ódio” (p. 209).

Este livro, de leitura agradável e provocante tanto para estudiosos e amantes do esporte quanto para aqueles que buscam apenas compreender um pouco mais alguns paradoxos inesperados do cotidiano brasileiro, articula observações e análises instigantes. O tema central, antes de ser o esporte ou o futebol, são as experiências humanas a eles relacionadas, seus valores e significados em nossa sociedade e nossa cultura. A lembrança e o relato de algumas experiências do autor, criação em São João Nepomuceno, nos apresentam, já no início do livro, as cenas e personagens do cotidiano vivido em seus primeiros contatos com o futebol, revelando sua/nossa descoberta de que tanto no jogo como na vida, praticamente nada é impossível, pois a bola corre mais do que os homens.